

SOLARPUNK 2030

Tecnologia, justiça social e ação comunitária rumo a um futuro sustentável

SOLARPUNK 2030
*Technology, social justice, and community action toward a
sustainable future*

Ana Paula Vieceli¹

Resumo

O presente artigo explora as interseções entre o movimento Solarpunk e a Agenda 2030 da ONU, destacando como ambos apresentam visões complementares para a construção de um futuro mais sustentável, justo e inclusivo. O Solarpunk, movimento cultural e literário, ao imaginar um mundo em que tecnologia, ecologia e justiça social coexistem de forma harmoniosa, oferece uma perspectiva otimista e realista para enfrentar os desafios globais, como as mudanças climáticas e as desigualdades socioeconômicas. A Agenda 2030, com seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), oferece uma estrutura prática para transformar essas visões em realidade por meio de ações coletivas e locais. Ambos compartilham o compromisso de promover a regeneração ambiental, a equidade social e o progresso tecnológico de forma ética e sustentável.

Palavras-chave: Solarpunk, Agenda 2030, desenvolvimento sustentável, justiça social, regeneração ambiental.

Abstract

This article explores the intersections between the Solarpunk movement and the United Nations' 2030 Agenda, highlighting how both offer complementary visions for building a more sustainable, just, and inclusive future. Solarpunk, envisioning a world where technology, ecology, and social justice coexist harmoniously, provides an optimistic yet realistic perspective to address global challenges such as climate change and socioeconomic inequalities. The 2030 Agenda, with its 17 Sustainable Development Goals (SDGs), provides a practical framework to turn these visions into reality through collective and local actions. Both movements share a commitment to promoting environmental regeneration, social equity, and ethical technological progress.

Keywords: Solarpunk, 2030 Agenda, sustainable development, social justice, environmental regeneration.

¹ Arquiteta e Urbanista (UNISINOS/2002); Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura (UFRGS/2014); Doutora em Arquitetura pelo mesmo programa (UFRGS/2019), e Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGARq/PUC-Rio/2024).



Prólogo

Sob o céu alaranjado, a cidade vibrava em um ritmo de luzes e vida. As cúpulas solares, flutuando como flores imensas, capturavam os últimos raios do sol antes do entardecer, alimentando a vasta rede de energia que sustentava as ruas arborizadas e os jardins verticais. As superfícies das construções respiravam, como se fossem parte do ecossistema ao redor, absorvendo o dióxido de carbono e devolvendo o ar purificado. As crianças corriam por entre as árvores frutíferas que cresciam nas avenidas, colhendo bergamotas e maçãs diretamente dos galhos, enquanto os adultos se reuniam nas praças comunitárias para discutir os próximos projetos de reflorestamento.

Ali, o progresso tecnológico não era o inimigo da natureza. Pelo contrário, ambos coexistiam em perfeita simbiose. Drones sobrevoavam suavemente, sem emitir um único som, espalhando sementes que brotariam em poucas semanas, alimentadas por um sistema inteligente de irrigação. Pequenas turbinas, quase invisíveis, capturavam a brisa constante e geravam eletricidade suficiente para alimentar as fábricas comunitárias, onde cada cidadão contribuía com suas habilidades para a produção de materiais reciclados e tecnologias regenerativas.

Ao longe, podiam-se ver as florestas se regenerando, resultado dos esforços conjuntos de seres humanos e máquinas, programados para restaurar o equilíbrio perdido. A Terra não era mais vista como um recurso a ser explorado, mas como uma parceira, cuja regeneração dependia do respeito e do cuidado humano. Ali, as fronteiras entre cidade, campo e natureza haviam sido dissolvidas há muito tempo, e a economia não girava em torno do lucro, mas da partilha equitativa e da cooperação.

“Estamos apenas no início”, disse uma voz no meio da multidão. “A verdadeira revolução é feita de pequenos passos, de decisões cotidianas que mudam o mundo pouco a pouco.” A esperança não era mais um conceito abstrato, mas uma força palpável que movia cada ação, cada gesto, cada inovação².

² O prólogo deste ensaio é composto por trechos de uma escrita autoral ensaiada no exercício da oficina Cidade Solarpunk realizada em 2024 na ocasião do estágio pós-doutoral na Faculdade de Arquitetura da PUC-Rio. Ele incorpora os elementos centrais do movimento Solarpunk: tecnologia verde, regeneração ambiental, colaboração comunitária e uma esperança prática. Ele serve como uma introdução criativa que prepara o leitor para as ideias discutidas nos capítulos, que também são abertos pela linguagem literária e poética futurista solarpunk. Todas as imagens são autorais, geradas a partir de Inteligência Artificial.

Introdução

Nos últimos anos, o mundo tem enfrentado desafios ambientais, sociais e políticos sem precedentes. Além das crises climáticas – as cheias, os deslizamentos de terras, a seca, as queimadas, os ciclones – e do aumento das desigualdades socioeconômicas, presenciamos a ascensão de movimentos de extrema direita, que ameaçam os direitos humanos e o progresso social. A precarização do trabalho, impulsionada pela automação e pela busca incessante por lucros, tem levado milhões de pessoas à insegurança financeira, enquanto o individualismo exacerbado e o isolamento social contribuem para uma epidemia de solidão, depressão e ansiedade. A violência urbana e doméstica, junto à crescente insegurança alimentar, afeta as populações mais vulneráveis, exacerbando as tensões sociais e alimentando ciclos de pobreza e violência. Esses problemas, em grande parte, derivam tanto das falhas sistêmicas do capitalismo quanto das consequências das mudanças climáticas, que agravam as desigualdades e desafiam a resiliência das sociedades. Em resposta, surgiram iniciativas globais e movimentos culturais com visões inovadoras para um futuro mais sustentável e justo. Dois desses esforços, embora em esferas distintas, compartilham uma missão comum: a Agenda 2030 das Nações Unidas e o movimento cultural Solarpunk.

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável foi adotada em 25 de setembro de 2015, durante a Cúpula das Nações Unidas. Ela foi resultado de um esforço global para substituir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), que haviam sido estabelecidos em 2000 com um prazo até 2015. Enquanto os ODM se concentravam em questões como a erradicação da pobreza extrema e a redução da mortalidade infantil, a Agenda 2030 apresenta uma abordagem mais ampla e inclusiva, com o objetivo de enfrentar os desafios globais de maneira integrada. A Agenda 2030 é composta por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas, que cobrem uma ampla gama de questões relacionadas ao desenvolvimento social, econômico e ambiental. Esses objetivos incluem tópicos como a erradicação da pobreza, a promoção da igualdade de gênero, o combate às mudanças climáticas, o uso sustentável dos recursos naturais e a construção de sociedades pacíficas e inclusivas. O caráter universal da Agenda 2030 significa que todos os países, independentemente de seu nível de desenvolvimento, são responsáveis por implementar esses objetivos de forma adaptada às suas realidades nacionais.

A ideia de uma nova agenda global para o desenvolvimento sustentável começou a ganhar força após a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), realizada em 2012. Durante essa conferência, os líderes mundiais reconheceram que os desafios globais, como a degradação ambiental e as desigualdades crescentes, exigiam uma abordagem mais abrangente. Após longos processos de negociações internacionais e consultas com governos, ONGs, cientistas, representantes do setor privado e outros stakeholders, a ONU lançou a Agenda 2030, que é considerada um dos mais ambiciosos planos de ação já acordados internacionalmente. Ao contrário dos ODM, que eram focados principalmente em países em desenvolvimento, os ODS da Agenda 2030 são universais e visam transformar tanto as nações ricas quanto as pobres. A ideia central é que todos os países devem progredir juntos em direção a um desenvolvimento mais sustentável, garantindo que ninguém seja deixado para trás.

A implementação da Agenda 2030 é um desafio global, e cada país tem adaptado os ODS às suas políticas nacionais, com diferentes níveis de progresso. Para monitorar os avanços, cada nação se comprometeu a elaborar relatórios periódicos chamados de Revisões Nacionais Voluntárias (RNV), nos quais detalham como estão integrando os ODS em seus planos e estratégias de desenvolvimento. Os países têm adotado

diferentes abordagens para se adequar à Agenda 2030, esta que também incentiva a formação de parcerias entre governos, o setor privado, a sociedade civil e a academia para implementar os ODS. Empresas em todo o mundo estão começando a adotar práticas mais sustentáveis em resposta a demandas crescentes por responsabilidade social e ambiental. Setores como o de energia e a indústria alimentícia estão entre os que mais têm se alinhado aos ODS. Em muitos países em desenvolvimento, a implementação dos ODS apresenta desafios significativos devido a recursos limitados e desigualdades estruturais. No entanto, esses países também têm visto nos ODS uma oportunidade para atrair investimentos internacionais, especialmente em infraestrutura verde, tecnologias, agricultura sustentável e energia limpa como parte de seus compromissos com a Agenda 2030.

A ONU coordena o monitoramento global do progresso em relação à Agenda 2030 por meio de um sistema de indicadores. Anualmente, é publicado o Relatório Global de Desenvolvimento Sustentável, que avalia os avanços e destaca áreas em que mais progresso é necessário. Além disso, há cooperação internacional para fornecer apoio técnico e financeiro a países com menos capacidade de implementar os ODS. Embora haja um progresso contínuo em várias áreas, ainda existem desafios substanciais para alcançar os ODS até 2030. A mudança climática continua a ser uma ameaça central, exacerbando problemas como escassez de recursos, migrações e conflitos. Além disso, as desigualdades dentro e entre países seguem como um obstáculo significativo para um desenvolvimento inclusivo. No entanto, a Agenda 2030 se mantém como um plano ambicioso, com a esperança de criar um mundo mais justo, sustentável e pacífico.

Ao lado da Agenda 2030, apresentamos o Solarpunk, um movimento artístico e literário emergente, tem como principal escopo, imaginar um futuro otimista em que a humanidade vive em harmonia com a natureza por meio da inovação tecnológica e de valores sociais inclusivos. Esse movimento projeta suas criações literárias em um mundo futurista em que energias renováveis, especialmente a solar, são a base das cidades verdes, e onde comunidades cooperativas se organizam para criar uma sociedade mais equitativa e resiliente. O Solarpunk é um movimento que acredita que a tecnologia verde pode ser utilizada de maneira igualitária para construir um futuro que beneficie a todos, não apenas as elites. (Flynn, 2014; Sage, 2023)

Solarpunk: movimento cultural por um futuro solar

(...) Nós somos solarpunks porque o otimismo nos foi tirado, e estamos tentando recuperá-lo. Nós somos solarpunks porque as únicas outras opções são a negação ou o desespero. No seu cerne, o Solarpunk é uma visão de um futuro que incorpora o melhor que a humanidade pode alcançar: um mundo pós-escassez, pós-hierarquia e pós-capitalista, onde a humanidade se vê como parte da natureza e a energia limpa substitui os combustíveis fósseis. O 'punk' no Solarpunk é sobre rebelião, contracultura, pós-capitalismo, decolonialismo e entusiasmo. Trata-se de seguir uma direção diferente da tendência dominante, que está cada vez mais seguindo por um caminho assustador. (...)" (The Solarpunk Community, 2019).

O movimento Solarpunk surgiu no início do século XXI como uma resposta à crescente preocupação com a crise climática, as desigualdades sociais e o impacto ambiental das tecnologias. Ele nasceu como um subgênero da ficção especulativa, mas rapidamente se expandiu para além da literatura, tornando-se uma filosofia e um movimento cultural que promove uma visão otimista do futuro. Diferente de outros subgêneros da ficção científica, como o Cyberpunk, que frequentemente retratam futuros distópicos e

sombrios, o Solarpunk imagina um futuro em que a humanidade utiliza tecnologias limpas e sustentáveis para viver em harmonia com a natureza.

O termo “Solarpunk” começou a ganhar tração em blogs e fóruns online por volta de 2008, e se popularizou em 2012, com o lançamento de pequenos manifestos que buscavam definir os princípios do movimento (The Solarpunk Community, 2019). Inspirado pelas utopias ecológicas e pelos avanços das tecnologias verdes, o Solarpunk apresenta um futuro em que os seres humanos superam a dependência de combustíveis fósseis, substituindo-os por energias renováveis, especialmente a energia solar, que dá nome ao movimento. Além disso, o Solarpunk também reflete sobre como as cidades podem ser reimaginadas para serem mais verdes, acessíveis e equitativas, com arquitetura sustentável, agricultura urbana e uma forte ênfase na cooperação comunitária (Sage, 2021).

Um exemplo notável de um dos expoentes da ética e da estética Solarpunk é o arquiteto belga Luc Schuiten, conhecido por suas visões futuristas e ecológicas, que se alinham perfeitamente com os princípios do Solarpunk. Schuiten nasceu em 1944 em Bruxelas e, ao longo de sua carreira, desenvolveu uma arquitetura visionária, inspirada na natureza, que ele chamou de “cidades vegetais”. Sua obra está profundamente enraizada em conceitos de biomimética, onde ele observa como a natureza resolve problemas complexos e utiliza esses princípios para projetar ambientes urbanos sustentáveis. Schuiten começou a explorar essa ideia de uma arquitetura verdadeiramente sustentável ainda nos anos 1970, quando suas preocupações com a degradação ambiental e a exploração desenfreada dos recursos naturais se intensificaram. Ele passou a imaginar cidades onde os edifícios e as infraestruturas fossem feitos de materiais vivos, como árvores e plantas, que crescessem junto com a cidade. Em suas visões, a natureza e a tecnologia não estão em conflito, mas sim se complementam para criar ambientes regenerativos (Schuiten, 2010 a e b). O trabalho de Schuiten foi rapidamente identificado pela comunidade Solarpunk como um exemplo tangível e inspirador de como a estética e a ética desse movimento podem ser aplicadas à arquitetura e ao planejamento urbano. Embora Schuiten tenha começado seu trabalho muito antes de o termo “Solarpunk” existir, suas cidades vegetais encarnam a filosofia central do movimento: um futuro onde a tecnologia e a natureza coexistem em harmonia, e onde os seres humanos criam ambientes que não apenas minimizam o impacto ambiental, mas o regeneram³.

Segundo os defensores do Solarpunk, como o artista, escritor e ativista Andrew Sage (2023), o movimento não é apenas uma visão de um futuro idealizado, mas um convite à ação no presente. Ele enfatiza que as soluções tecnológicas e ecológicas já estão ao nosso alcance e podem ser implementadas de forma prática, se houver vontade política e social. Para Sage, o Solarpunk rejeita o pessimismo típico de outras visões futuristas, propondo que, ao invés de temer o futuro, a humanidade pode moldá-lo de forma consciente e ética.

³ Na prática, Schuiten projeta seus edifícios não como estruturas estáticas, mas como organismos vivos que interagem com o ambiente ao seu redor. Ele acredita que, ao desenvolver tecnologias que imitam os processos naturais, podemos construir cidades que sejam resilientes às mudanças climáticas e que ajudem a regenerar os ecossistemas degradados. Essa abordagem é essencialmente Solarpunk, pois combina o uso criativo da tecnologia com uma profunda reverência pela natureza. A filosofia de design de Schuiten vai além da sustentabilidade convencional; ele propõe a regeneração ecológica, um dos pilares fundamentais do Solarpunk, onde a arquitetura e o planejamento urbano não apenas evitam danos ao meio ambiente, mas ativamente contribuem para restaurá-lo.



O movimento se expandiu por meio de coletâneas literárias – a exemplo da antologia luso-brasileira, que se consagrou um marco mundial do movimento, *Solarpunk: Histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável* (Lodi-Ribeiro, 2012)⁴ –, blogs, e projetos artísticos que ilustram como as ideias Solarpunk podem ser aplicadas em diversos contextos, desde o urbanismo até a moda sustentável. A estética do Solarpunk também desempenha um papel fundamental em sua identidade. Ela é marcada por imagens de cidades futuristas cobertas de vegetação, com tecnologia avançada integrada à natureza, como turbinas eólicas, painéis solares e jardins verticais. Essa estética positiva e esperançosa se opõe ao cinismo e à desolação de outros movimentos “punk”, como o Cyberpunk, que enxerga o futuro sob a ótica do caos e da degradação. O Solarpunk, em contrapartida, acredita no poder da resiliência comunitária e no uso criativo da tecnologia para resolver problemas ambientais e sociais.

Um dos aspectos mais importantes do Solarpunk é a integração da justiça social com a sustentabilidade ambiental, reconhecendo que qualquer solução climática ou ecológica deve necessariamente incluir a igualdade e a inclusão social. Por tanto, o Solarpunk propõe uma narrativa alternativa para o futuro, onde o progresso tecnológico e a preservação ambiental andam de mãos dadas, e onde as comunidades locais são fortalecidas para se tornarem agentes de mudança.

Tanto a Agenda 2030 quanto o movimento Solarpunk partem do princípio de que o futuro deve ser conscientemente moldado, integrando sustentabilidade e justiça social. Enquanto a ONU propõe metas e políticas globais, governamentais em parcerias público-privadas, o Solarpunk oferece uma narrativa inspiradora que dá vida a essas ideias por meio da imaginação e propõe uma prática local, comunitária e autônoma, que se aproxima de um modo de pensar e fazer artista e anarquista. Ao traçar um paralelo entre esses dois universos, vislumbramos como a cultura e a política podem convergir para a construção de um futuro mais sustentável, inclusivo e esperançoso.

⁴ “Os temas abordados variam do aproveitamento da energia dos relâmpagos atmosféricos à produção de biocombustíveis pelas artes da nanotecnologia; dos grandes veleiros espaciais impulsionados pela pressão da radiação solar aos conversores de matéria em energia; passando pelo advento de humanos fotossintéticos, pela extração da energia da aura humana armazenada noutra dimensão, pelo terrorismo contra empreendimentos e governos verdes, e pelo desenvolvimento precoce de fontes energéticas tidas como convencionais” (Lodi-Ribeiro, 2012, p. 9)

Visão futurista positiva e prática

Os primeiros raios de sol atravessavam os painéis translúcidos das construções, ativando silenciosamente os circuitos que alimentavam a cidade. Nas ruas, cada movimento era planejado para otimizar o fluxo de energia. Nenhum recurso era desperdiçado. As árvores cresciam em fileiras ordenadas, protegendo os caminhos urbanos do calor enquanto os moradores discutiam as novas soluções tecnológicas para integrar ainda mais a natureza à vida cotidiana. Naquele mundo, o futuro não era uma projeção distante, mas uma construção coletiva feita de ideias que floresciam a cada nascer do sol.

Ao longo da história, muitas visões de futuro foram marcadas por distopias, sobretudo a partir do fim do século passado, onde a degradação ambiental e a desigualdade social predominam. Um dos exemplos mais notórios desse gênero é o Cyberpunk, um subgênero da ficção científica que emergiu nas décadas de 1980 e 1990. Cyberpunk, popularizado por obras como *Neuromancer* de William Gibson e o filme *Blade Runner* de Ridley Scott, apresenta um futuro distópico caracterizado por alta tecnologia em um mundo de baixa qualidade de vida. Em 2017 foi lançado *Blade Runner 2049*, dirigido por Denis Villeneuve, uma continuação do clássico de 1982⁵.

O Cyberpunk imagina sociedades onde corporações transnacionais têm mais poder do que os governos, resultando em um cenário de hiperconcentração de riqueza e poder. Essas obras exploram as consequências de um capitalismo desenfreado, no qual a inovação tecnológica está intimamente ligada à opressão social e à degradação do ambiente. A tecnologia avança, mas em benefício de poucos, enquanto o resto da sociedade enfrenta precariedade e marginalização. As cidades, muitas vezes, são retratadas como labirintos caóticos e poluídos, onde a vigilância é constante e a liberdade individual é limitada.

Além disso, o Cyberpunk é marcado por uma estética sombria e pessimista, com ambientes urbanos superlotados, neon e ruas sujas, refletindo a crise ecológica e social. Os personagens são frequentemente anti-heróis solitários que lutam contra os sistemas de controle, tentando sobreviver em um mundo desumano. Este gênero, portanto, reflete o medo de que o futuro seja governado pela desigualdade extrema, controle tecnológico, e degradação ambiental. No entanto, existem abordagens contemporâneas que rejeitam esse pessimismo, oferecendo uma perspectiva mais otimista e fundamentada em soluções práticas. O Solarpunk, por exemplo, não apenas projeta um futuro positivo, mas também coloca grande ênfase em ações práticas que podem ser implementadas no presente. O movimento se baseia na ideia de que o futuro sustentável só será alcançado se a inovação tecnológica for profundamente integrada à vida cotidiana, em harmonia com os ciclos naturais.

O Solarpunk pode ser descrito como uma utopia sustentável que vai além da mera imaginação. Ele se baseia em ações concretas, como o uso de energias renováveis, a transformação de espaços urbanos em ambientes verdes e produtivos, e a organização comunitária voltada para a autossuficiência e a resiliência local. Esse movimento de cunho anarquista, também se afasta das narrativas apocalípticas, comuns em outras vertentes futuristas, ao propor um cenário em que as mudanças climáticas e os danos ambientais são reconhecidos, mas tratados com soluções inovadoras e práticas. A visão futurista de esperança ativa do Solarpunk encontra eco direto nos Objetivos

⁵ O título deste ensaio, *Solarpunk 2030*, faz referência ao título deste filme, como um contraponto ao cyberpunk, também adiantando-se 19 anos no tempo, coincidindo com prazo para atingir os ODS da Agenda 2030 da ONU.



de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU. A Agenda 2030 propõe um plano de ação global para enfrentar desafios críticos como a pobreza, as desigualdades e as mudanças climáticas (United Nations, 2015). Tal como o Solarpunk, os ODS não se limitam a apontar os problemas, mas estabelecem metas concretas para transformar o mundo. O ODS 7 (Energia Limpa e Acessível) e o ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), por exemplo, refletem o compromisso com a transição para fontes de energia sustentáveis e com a implementação de medidas para mitigar os impactos climáticos.

Além disso, o Solarpunk valoriza a inovação tecnológica para promover a sustentabilidade. A Agenda 2030, da mesma forma, reconhece a necessidade de um desenvolvimento que seja ao mesmo tempo inclusivo e sustentável, destacando que as transformações necessárias para criar um futuro sustentável exigem tanto novas tecnologias quanto uma reorganização social. A justiça social e a autogovernança comunitária, pilares da filosofia Solarpunk, se alinham diretamente aos objetivos da ONU de redução das desigualdades (ODS 10) e de promoção de comunidades sustentáveis e resilientes (ODS 11). Tanto o Solarpunk quanto a Agenda 2030 defendem que as soluções para os desafios globais devem ser implementadas de maneira participativa e inclusiva, envolvendo diretamente as comunidades locais na criação de soluções adaptadas às suas realidades.

Em última instância, a visão futurista positiva e prática defendida pelo solarpunk propõe um mundo onde o progresso e a inovação tecnológica não estejam em conflito com o meio ambiente e o bem-estar social, mas sim integrados a uma relação harmoniosa entre humanidade e natureza. A Agenda 2030 e o movimento Solarpunk oferecem uma alternativa viável para o futuro, onde a esperança está enraizada na ação concreta e coletiva, e onde o otimismo não é apenas uma escolha, mas uma estratégia de sobrevivência e prosperidade.

Rejeição do capitalismo e busca por justiça social

Em meio às torres cobertas de hera e vinhas, as praças comunitárias fervilhavam de vozes. Não havia pressa, nem o som estridente do comércio desenfreado. Ali, as trocas eram feitas com equidade e respeito. A moeda mais valiosa era o tempo dedicado à cooperação. Em vez de lojas, oficinas comunitárias se espalhavam por toda a cidade, onde ferramentas eram compartilhadas e conhecimentos passavam de geração em

geração. O capital não ditava as regras daquele lugar, e o crescimento econômico não era medido por cifras, mas pela qualidade das relações humanas.

Tanto o Solarpunk quanto os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 compartilham uma profunda crítica às estruturas econômicas e sociais vigentes, especialmente ao modelo capitalista. O Solarpunk se apresenta como um movimento que não apenas propõe um futuro sustentável, mas também uma reorganização fundamental das formas de produção e consumo, visando romper com as desigualdades promovidas pelo capitalismo. Essa visão se alinha diretamente à Agenda 2030, que, embora não rejeite explicitamente o capitalismo, advoga por um sistema global mais justo e inclusivo, capaz de reduzir desigualdades e promover o bem-estar social de maneira equitativa.

O capitalismo, em sua forma predominante, baseia-se na exploração incessante de recursos naturais e humanos para sustentar o crescimento econômico. Como Klein (2014) argumenta, o modelo capitalista de exploração desenfreada tem levado o planeta a um estado de crise climática, ao mesmo tempo que perpetua as desigualdades sociais. Esse modelo de desenvolvimento gera um ciclo de degradação ambiental e perpetuação das desigualdades sociais, exacerbando problemas como a concentração de riqueza, o desemprego estrutural e a exclusão de populações vulneráveis. No Solarpunk, há uma crítica direta a essa lógica de exploração. Em vez de promover o crescimento a qualquer custo, o movimento valoriza a resiliência local, a justiça social e a cooperação comunitária, rejeitando a ideia de que o progresso econômico deve ser construído às custas do meio ambiente ou da dignidade humana. Esse discurso encontra paralelo em vários objetivos da Agenda 2030, especialmente no ODS 10 (Redução das Desigualdades) e no ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico). Embora a Agenda 2030 reconheça o papel do crescimento econômico no desenvolvimento global, ela propõe um modelo de crescimento que seja inclusivo e sustentável. Nesse contexto, busca-se criar condições de trabalho dignas, eliminar a discriminação e promover oportunidades iguais para todos. Assim como o Solarpunk, a Agenda 2030 enfatiza a importância de colocar o ser humano e o meio ambiente no centro das decisões econômicas, em vez de permitir que o lucro seja o principal motor das ações globais (United Nations, 2015).

A justiça social é outro tema central tanto para o Solarpunk quanto para os ODS. No Solarpunk, a busca por justiça vai além da mera redistribuição de riquezas; trata-se de criar uma sociedade onde as pessoas tenham autonomia sobre suas vidas, com acesso equitativo a recursos, educação, saúde e moradia. Esse ideal se reflete na construção de comunidades sustentáveis e autônomas, onde os recursos são compartilhados e a solidariedade é promovida. O ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis), por exemplo, ecoa essa visão ao defender o desenvolvimento de cidades inclusivas, seguras e resilientes, onde todos os indivíduos possam prosperar e viver com dignidade. Além disso, a crítica ao capitalismo no Solarpunk não se restringe às suas consequências econômicas; também abrange as implicações ambientais. A lógica capitalista de exploração ilimitada de recursos naturais tem levado a uma crise climática global, que afeta de maneira desproporcional os mais pobres e vulneráveis. Para combater isso, o Solarpunk propõe uma reconexão com a natureza, onde o ser humano se vê como parte integrante do ecossistema, e não como seu dominador. Essa abordagem encontra eco nas metas do ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), que visa mitigar os impactos das mudanças climáticas, promovendo práticas de produção e consumo que respeitem os limites do planeta.

Ao rejeitar o modelo econômico atual e propor uma organização social baseada na equidade, solidariedade e sustentabilidade, o Solarpunk desafia o status quo, tal como a Agenda 2030 busca reformar as estruturas globais para garantir que ninguém seja



deixado para trás. Ambos reconhecem que o progresso não pode ser medido apenas por indicadores econômicos, mas deve ser avaliado pelo impacto que tem na qualidade de vida das pessoas e na preservação do meio ambiente.

Na obra *The Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchy* (2005), uma das ideias centrais de Murray Bookchin é a Ecologia Social, esta, que refere-se à ideia de que os problemas ecológicos são, em última instância, questões sociais. Para o autor, a destruição ambiental é resultado das estruturas de dominação e exploração que existem entre os seres humanos – ou seja, a maneira como tratamos o meio ambiente reflete a forma como tratamos uns aos outros. Para o autor, é a hierarquia, e não o capitalismo ou a economia de mercado per se, que é a causa fundamental da opressão social e da degradação ambiental. A hierarquia não se limita à exploração econômica, mas inclui todas as formas de dominação – entre gêneros, etnias, classes e, finalmente, entre humanos e a natureza. Assim, para Bookchin, a verdadeira liberdade só pode ser alcançada pela dissolução da hierarquia. Ele propõe que uma sociedade verdadeiramente livre seria baseada na cooperação, no apoio mútuo e na ausência de estruturas de poder centralizadas. Isso inclui não apenas a hierarquia entre humanos, mas também entre humanos e a natureza.

A busca por justiça social no Solarpunk e na Agenda 2030 parte da premissa de que um futuro sustentável só pode ser construído com base em sistemas que não excluam ou explorem, mas que incentivem a cooperação, a dignidade e o respeito mútuo. As mudanças necessárias para alcançar esse futuro não são apenas tecnológicas, mas também políticas e sociais. O Solarpunk propõe uma revolução cultural em que os valores comunitários, a justiça social e a sustentabilidade guiem as escolhas de desenvolvimento. A Agenda 2030, por sua vez, fornece o mapa global para a implementação dessas transformações, promovendo uma economia mais justa, uma sociedade mais equitativa e um planeta mais saudável.

Tecnologia como ferramenta de sustentabilidade

Os drones circulavam silenciosamente acima das plantações urbanas, analisando o solo e irrigando as raízes com precisão cirúrgica. As construções ao redor vibravam suavemente, alimentadas pela energia solar, e os pequenos dispositivos nas mãos dos moradores monitoravam a produção de energia em tempo real. Cada watt produzido era otimizado, cada gota de água, reaproveitada. A tecnologia ali não era fria nem

distante. Ela era parte da vida, uma extensão das mãos que cultivavam a terra e restauravam o equilíbrio que há muito havia sido rompido.

Uma das marcas distintivas do Solarpunk é a maneira como esse movimento integra a tecnologia em suas visões para o futuro, utilizando-a como uma ferramenta para alcançar a sustentabilidade e o bem-estar social. Enquanto muitas narrativas futuristas retratam a tecnologia como um símbolo de distopia e controle corporativo, o Solarpunk se destaca por imaginar um futuro onde a tecnologia é aplicada de forma equilibrada e ética, sempre em harmonia com a natureza e as necessidades humanas, no qual a inovação tecnológica, quando direcionada para soluções sustentáveis, tem o poder de transformar a relação da humanidade com a natureza, regenerando o planeta em vez de degradá-lo.

Para Bauwens, Kostakis e Pazaitis (2019), as tecnologias emergentes, como a inteligência artificial, a automação, e as redes blockchain, são vistas como ferramentas que podem ser usadas para o bem comum, desde que sejam apropriadas de forma coletiva. Em vez de serem usadas para concentrar poder e riqueza, essas tecnologias podem facilitar a colaboração e a criação de valor comum. No entanto, os autores também alertam que essas tecnologias podem ser capturadas por interesses privados, tornando-se instrumentos de controle. Por isso, defendem que o desenvolvimento tecnológico seja orientado pelo princípio do comum.

No Solarpunk, a tecnologia não é vista como um fim em si, mas como um meio para promover soluções sustentáveis e inclusivas. Inovações como energia solar, agricultura vertical, sistemas de reciclagem avançados e infraestruturas verdes são elementos centrais da estética e da prática Solarpunk. Essas tecnologias permitem a criação de ambientes urbanos onde as construções, o transporte e a produção de alimentos coexistem em harmonia com o ecossistema natural. O uso de fornos solares, drones para reflorestamento e sistemas de captura de carbono são exemplos de como a tecnologia pode ser utilizada para restaurar o equilíbrio ambiental e combater os efeitos das mudanças climáticas. Diferentemente da visão da tecnologia como algo separado ou superior à natureza, o Solarpunk propõe uma integração íntima entre ambos, onde o progresso tecnológico serve para fortalecer os sistemas naturais e não para destruí-los.

Essa visão está profundamente conectada ao ODS 7 (Energia Limpa e Acessível), que destaca a necessidade de garantir o acesso universal a fontes de energia renováveis e sustentáveis (United Nations, 2015). O Solarpunk é construído sobre a premissa de que a energia solar, e outras formas de energia limpa, devem ser a base de uma sociedade ecológica e tecnologicamente avançada. No Solarpunk, as cidades são imaginadas como centros autossuficientes de energia limpa, onde as inovações tecnológicas permitem que comunidades inteiras sejam alimentadas por fontes de energia renováveis, reduzindo drasticamente as emissões de carbono e mitigando os efeitos das mudanças climáticas.

Outro aspecto crucial do uso de tecnologia no Solarpunk é sua aplicação para melhorar a resiliência das comunidades. Ferramentas como sensores ambientais, tecnologias de monitoramento climático e sistemas de transporte inteligente são projetadas para ajudar as populações a se adaptarem às condições ambientais em constante mudança, ao mesmo tempo em que reduzem o impacto humano no planeta. Essa abordagem de adaptação e mitigação está diretamente alinhada com o ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), que reconhece a necessidade urgente de adotar medidas inovadoras para enfrentar a crise climática. Além de seu compromisso com a energia limpa e a resiliência climática, o Solarpunk também defende o uso da tecnologia para promover a justiça social e a inclusão. Um exemplo disso é o uso de tecnologias



descentralizadas, como a energia solar distribuída, que permite que comunidades anteriormente marginalizadas tenham acesso a eletricidade limpa e acessível. Essa distribuição de poder – tanto no sentido energético quanto social – é fundamental para reduzir as desigualdades e promover um acesso equitativo a recursos essenciais, em linha com o ODS 10 (Redução das Desigualdades). No Solarpunk, a tecnologia é uma ferramenta para empoderar as comunidades locais, garantindo que elas possam controlar seus próprios recursos e viver de maneira mais independente e sustentável. Assim, o Solarpunk desafia a noção de que a inovação tecnológica precisa estar associada à exploração de recursos naturais e à degradação ambiental. No contexto desse movimento, a tecnologia é concebida para trabalhar com, e não contra, os ciclos naturais do planeta. A bioengenharia, por exemplo, é vista como uma ferramenta para restaurar ecossistemas degradados, e a agricultura regenerativa é promovida como uma forma de aumentar a produtividade sem esgotar os recursos naturais. Isso se conecta diretamente ao ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis), que visa garantir que os padrões de consumo e produção sejam sustentáveis e respeitem os limites ecológicos da Terra. Assim como a Agenda 2030, o Solarpunk imagina um futuro onde o progresso tecnológico esteja em harmonia com a sustentabilidade, permitindo que o desenvolvimento humano ocorra sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades.

Movimento comunitário e ação local

No centro da cidade, o conselho comunitário estava reunido. Cada decisão, desde o plantio de novos bosques até a implementação de projetos energéticos, era tomada em conjunto. As vozes se misturavam em uma melodia de cooperação, onde o bem comum era sempre o objetivo final. Pequenas hortas floresciam em cada esquina, cultivadas por mãos de todas as idades, e as soluções para os desafios locais eram criadas em oficinas colaborativas. Ali, o poder estava nas mãos das pessoas, que entendiam que a força da comunidade residia na ação local e na solidariedade.

Tanto o Solarpunk quanto a Agenda 2030 reconhecem que as soluções para os desafios globais devem ser construídas a partir de uma base sólida de ação comunitária e local. Em um mundo onde problemas como as mudanças climáticas, a desigualdade e a degradação ambiental afetam profundamente as populações locais de todo o planeta, a resposta a esses desafios precisa ser desenvolvida no nível das comunidades,

Imagem 5 - Cidade Solarpunk. Fonte: Autoral, prompt Dall-e, 2024.

onde as necessidades e capacidades específicas podem ser melhor compreendidas e atendidas. O Solarpunk destaca a importância de mobilizar as comunidades para a ação local, promovendo a autossuficiência, a resiliência e a cooperação mútua como caminhos para um futuro sustentável. Da mesma forma, a Agenda 2030 incentiva o fortalecimento das comunidades locais e as parcerias como pilares para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Bauwens, Kostakis & Pazaitis (2019) apresentam uma visão de um novo paradigma social, econômico e político baseado no modelo *peer-to-peer* (P2P, produção entre pares) e na criação de *commons* (bens comuns). Os autores salientam como a tecnologia digital e a cultura colaborativa podem ser usadas para criar uma sociedade mais equitativa e sustentável, centrada na cooperação em vez da competição. O conceito central dos autores é o *peer-to-peer*, uma forma de organização social e econômica em que indivíduos colaboram diretamente, sem hierarquias rígidas ou intermediários. Em vez de depender de estruturas centralizadas, as pessoas se organizam de forma distribuída para compartilhar recursos, conhecimentos e habilidades. Os *commons* são esses recursos compartilhados, geridos coletivamente por comunidades, de forma a beneficiar todos os seus membros, sem que haja apropriação privada ou destruição desses bens. Isso pode incluir desde bens naturais (como água, florestas) até bens digitais (como software de código aberto e dados). Os autores defendem que devemos mudar do atual sistema capitalista, baseado na propriedade privada e no lucro, para um sistema de produção entre pares, onde os recursos são geridos e utilizados de forma colaborativa.

Da mesma maneira, no centro do movimento Solarpunk está a ideia de que as comunidades, em vez de dependerem de sistemas centralizados e muitas vezes ineficazes, devem tomar controle de suas próprias soluções para a sustentabilidade. Projetos como florestas alimentares comunitárias, jardins de guerrilha e redes de energia solar localmente distribuídas são exemplos de como a ação comunitária pode transformar o espaço urbano e rural. As comunidades locais têm o potencial de liderar a transição para uma economia sustentável, ao desenvolverem soluções criativas e colaborativas que desafiam as estruturas globais de poder. Esses projetos, muitas vezes movidos por pequenas iniciativas locais, têm o potencial de criar sistemas alimentares autossuficientes, restaurar a biodiversidade e promover uma economia de baixo carbono. Ao enfatizar a ação local, o Solarpunk busca redesenhar o espaço social e econômico, criando comunidades que são tanto ambientalmente responsáveis quanto socialmente inclusivas. Essas ideias ressoam fortemente com o ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis), que defende a criação de cidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis. A Agenda 2030 reconhece que a prosperidade e a sustentabilidade de uma nação dependem em grande parte da força e coesão de suas comunidades. Assim como o Solarpunk propõe uma abordagem de baixo para cima, a ONU também incentiva que as mudanças sejam promovidas a partir de iniciativas locais, onde o impacto das ações pode ser mais direto e efetivo (United Nations, 2015). O empoderamento das comunidades locais não apenas fortalece a coesão social, mas também permite que essas comunidades enfrentem os desafios ambientais de maneira mais eficaz e adaptada às suas realidades.

Na imaginação e prática Solarpunk, a ação comunitária é fundamental para fortalecer a resiliência das populações diante das crises climáticas e ambientais. Iniciativas locais, como a agricultura regenerativa, a conservação de água e a gestão comunitária de florestas, a criação de redes de apoio e proteção, são práticas que não apenas reduzem os impactos ambientais, mas também tornam as comunidades mais preparadas para lidar com os efeitos das mudanças climáticas. O ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima) reflete essa abordagem, reconhecendo que a adaptação às mudanças climáticas requer a participação ativa e o fortalecimento das capacidades locais para



responder de forma eficaz aos desastres ambientais. Além disso, o Solarpunk promove o conceito de economia local regenerativa, que favorece a produção e o consumo em escala local, minimizando o desperdício e maximizando a eficiência dos recursos. Isso se alinha com o ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis), que busca transformar os padrões de produção e consumo em sistemas que respeitem os limites do planeta e favoreçam a sustentabilidade a longo prazo. O movimento comunitário no Solarpunk propõe economias mais circulares, onde os resíduos são minimizados e os recursos locais são aproveitados de maneira mais eficiente, criando uma maior integração entre as necessidades da comunidade e os ciclos naturais.

A ação local, dentro do contexto do Solarpunk, não se limita apenas à esfera ambiental. Ela abrange também o fortalecimento das redes sociais e da solidariedade entre os membros da comunidade. A valorização do trabalho comunitário, das redes de troca e do apoio mútuo são elementos centrais dessa visão. O espírito de cooperação e ajuda mútua, frequentemente associado a iniciativas comunitárias, pode ser visto como um antídoto contra o isolamento e a fragmentação social promovidos pelo individualismo econômico e social. Esse aspecto socioeconômico é destacado no ODS 1 (Erradicação da Pobreza), que considera que o combate à pobreza extrema requer tanto o fortalecimento econômico quanto a criação de redes de proteção social que fortaleçam as comunidades e protejam seus membros mais vulneráveis.

Esperança realista solarpunk

À beira do lago regenerado, uma jovem observava os ciclos de vida ao seu redor. Cada estação trazia consigo uma nova esperança, nascida da certeza de que as mudanças, embora lentas, eram constantes. O céu estava limpo, o ar puro, e os habitantes da cidade não se iludiam com promessas de grandeza imediata. Sabiam que cada passo em direção ao futuro sustentável era um ato de paciência e perseverança. No horizonte, as turbinas de vento giravam suavemente, uma prova de que a esperança realista não era uma crença vazia, mas uma força que movia as engrenagens do progresso.

O conceito de “esperança” é central ao movimento Solarpunk, mas não se trata de uma esperança ingênua ou utópica. No Solarpunk, a esperança é realista, prática e profundamente enraizada na consciência dos desafios ambientais e sociais que o mundo enfrenta. Este movimento reconhece as crises urgentes, como as mudanças climáticas, a degradação ambiental e as desigualdades sociais, mas, ao invés de

sucumbir ao pessimismo ou ao fatalismo, ele propõe uma ação consciente e deliberada para construir um futuro melhor.

Corroborando com o Solarpunk, McDonough e Braungart (2013) argumentam contra o pessimismo ambientalista comum e defendem a positividade radical. Eles acreditam que devemos imaginar e criar um futuro no qual os sistemas humanos, ao invés de serem menos destrutivos, sejam ativamente benéficos para o planeta. A esperança só se sustenta quando associada a uma visão prática e colaborativa, onde cada comunidade contribui para o bem comum, por meio de inovações que regeneram tanto o meio ambiente quanto as relações sociais. Assim, o Solarpunk combina a esperança com uma atitude pragmática e inovadora, que vê as crises como oportunidades para reimaginar e reestruturar a sociedade. Esse conceito também está presente na Agenda 2030, que propõe metas ambiciosas, mas realizáveis, para um desenvolvimento sustentável global.

O Solarpunk recusa a narrativa de que o futuro da humanidade está condenado ao fracasso devido à destruição ambiental e à desigualdade social. Ao contrário de movimentos distópicos ou fatalistas, o Solarpunk acredita que, embora o caminho à frente seja repleto de desafios, a solução está em nossas mãos. Esse movimento promove uma abordagem prática e colaborativa, onde as comunidades, tecnologias e sistemas sociais são utilizados de forma integrada para mitigar os danos ambientais, regenerar ecossistemas e fortalecer a justiça social. No Solarpunk, a esperança é fundamentada na ação: não é simplesmente uma visão otimista de um futuro distante, mas um compromisso em transformar o presente por meio de pequenas e grandes intervenções que podem melhorar a vida das pessoas e do planeta.

Esse tipo de esperança se reflete no espírito da Agenda 2030, que propõe um conjunto de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com prazos e metas claras, que visam transformar o mundo até 2030. A Agenda reconhece que estamos em um momento crítico, com grandes desafios ambientais e sociais, mas acredita que, através da cooperação global e da ação local, esses objetivos podem ser alcançados (United Nations, 2015). O ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), por exemplo, reflete essa esperança realista ao reconhecer a gravidade da crise climática, ao mesmo tempo em que promove ações práticas para mitigação, adaptação e fortalecimento da resiliência comunitária.

No Solarpunk, o conceito de “esperança realista” está intimamente ligado à ideia de adaptação. Há um reconhecimento claro de que muitos dos danos ambientais já causados não podem ser revertidos imediatamente, e que as mudanças climáticas continuarão a ter efeitos significativos nas próximas décadas. No entanto, ao invés de ver isso como motivo para desistir, o movimento propõe soluções inovadoras que permitam às comunidades se adaptarem e sobreviverem, enquanto continuam trabalhando para restaurar e proteger o meio ambiente. Essa perspectiva é essencialmente prática: a esperança não vem da negação dos desafios, mas da capacidade de enfrentá-los de maneira inovadora e eficiente.

Essa adaptação e resiliência também aparecem no ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis), que promove a construção de cidades que possam suportar desastres naturais e mudanças ambientais, oferecendo soluções para que os espaços urbanos sejam mais inclusivos, seguros e sustentáveis. Da mesma forma, o ODS 15 (Vida Terrestre) propõe a restauração de ecossistemas degradados e o manejo sustentável dos recursos naturais, alinhando-se ao princípio Solarpunk de regeneração ambiental e cuidado com a biodiversidade.

Outra dimensão da “esperança realista” no Solarpunk é a recusa de uma visão puramente tecnológica ou de mercado como solução para todos os problemas. Ao invés de acreditar que inovações tecnológicas por si só resolverão a crise climática ou que o mercado se autorregulará para alcançar a sustentabilidade, o Solarpunk defende uma abordagem mais integrada, onde a tecnologia é parte da solução, mas apenas quando utilizada de forma ética e em harmonia com as necessidades humanas e ecológicas. A esperança aqui é equilibrada pelo realismo: a crença no progresso é acompanhada por uma compreensão de que esse progresso deve ser direcionado de maneira consciente e responsável.

Esse equilíbrio entre otimismo e pragmatismo também pode ser visto no ODS 7 (Energia Limpa e Acessível), que promove o uso de energias renováveis como parte da solução para a crise climática, mas reconhece que essa transição energética deve ser acompanhada por políticas que garantam o acesso equitativo e sustentável. O foco não está apenas no desenvolvimento de novas tecnologias, mas também em assegurar que essas tecnologias beneficiem a todos de maneira justa e responsável.

Por fim, a esperança no Solarpunk também é “realista” no sentido de que é um convite à ação. Em vez de esperar por uma grande solução vinda de governos ou corporações, o movimento enfatiza que a mudança começa nas comunidades, nas práticas cotidianas e nas escolhas locais. A regeneração ambiental, a justiça social e a criação de novos modelos econômicos e sociais são todos processos que dependem de pequenos passos acumulados ao longo do tempo. A Agenda 2030 também reforça essa ideia, ao propor que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável só serão alcançados se houver uma mobilização coletiva e individual em todos os níveis da sociedade.

Assim, a esperança no Solarpunk, como na Agenda 2030, é construída sobre uma base de ação concreta, colaboração e inovação. Ela não ignora a gravidade dos desafios que enfrentamos, mas também não se rende ao desespero. Em vez disso, ela oferece uma visão inspiradora de um futuro onde as soluções estão ao nosso alcance, e onde a humanidade pode florescer de forma justa e sustentável, sem comprometer os recursos do planeta ou o bem-estar das gerações futuras. Nesse contexto, a esperança não é uma simples emoção, mas uma estratégia ativa e essencial para criar o mundo que desejamos.

Horizontes: imaginação e ação por futuros desejáveis

Ao longo deste trabalho, exploramos as intersecções entre o movimento Solarpunk e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, destacando como ambas as visões, ainda que provenientes de esferas distintas, compartilham um compromisso com a construção de um futuro mais justo, sustentável e inclusivo. O Solarpunk, ao imaginar um futuro onde a tecnologia, a ecologia e a justiça social coexistem em harmonia, oferece uma narrativa inspiradora que, ao lado da Agenda 2030, estabelece uma base concreta e prática para a transformação do mundo. O Solarpunk projeta uma realidade utópica, mas acessível, baseada em soluções tecnológicas sustentáveis e na reorganização social. Essa proposta encontra ressonância nos ODS, que também sugerem metas claras e realizáveis para enfrentar os principais desafios globais. A combinação de imaginação e ação prática é um dos pilares centrais de ambos os movimentos, que buscam transformar as estruturas atuais em prol do bem-estar comum e da preservação do planeta.



O movimento Solarpunk desafia as lógicas de exploração e desigualdade que permeiam o sistema capitalista. Essa crítica está intimamente conectada à Agenda 2030, que, embora não adote uma postura anticapitalista explícita, propõe um desenvolvimento econômico mais equitativo e inclusivo. Tanto o Solarpunk quanto os ODS entendem que o progresso econômico só é válido se promover a dignidade e o bem-estar de todas as pessoas, sem explorar os recursos naturais de maneira irresponsável. No Solarpunk, a tecnologia é parte integrante de um futuro em que inovação e natureza são aliados, e não inimigos. Esse uso responsável da tecnologia está alinhado com objetivos como o ODS 7 (Energia Limpa e Acessível) e o ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), que promovem a adoção de soluções tecnológicas para enfrentar a crise climática e garantir um desenvolvimento sustentável e inclusivo. A tecnologia, aqui, não é uma força descontrolada, mas sim uma aliada no esforço de mitigar os danos ambientais e criar sociedades mais resilientes.

Os movimentos comunitários e as ações locais, elementos-chave do Solarpunk, colocam as comunidades no centro da transição para um futuro sustentável. O poder de transformação local, presente em iniciativas como florestas alimentares e redes energéticas descentralizadas, ecoa os princípios da Agenda 2030, especialmente no ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) e no ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis). Ambas as abordagens reconhecem que as soluções globais devem ser enraizadas nas realidades e necessidades das comunidades locais, que têm o conhecimento e a capacidade de criar mudanças significativas e duradouras.

O conceito de esperança no Solarpunk é prático e ativo, promovendo a adaptação às mudanças climáticas e a criação de soluções inovadoras e colaborativas para enfrentar os desafios globais. A Agenda 2030 também adota essa abordagem, propondo metas claras que, embora ambiciosas, são alcançáveis se houver esforço coletivo e contínuo. Essa esperança fundamentada na ação é o que permite que tanto o Solarpunk quanto os ODS inspirem a transformação em direção a um futuro mais justo e sustentável.

Concluimos assim, que o Solarpunk e a Agenda 2030 oferecem não apenas uma visão otimista para o futuro, mas também caminhos concretos para transformar o presente. Através da tecnologia, da ação comunitária e da justiça social, essas duas iniciativas em escalas diferentes, nos mostram que é possível reimaginar e reconstruir o mundo em que vivemos, equilibrando as necessidades humanas com os limites ecológicos do planeta. Se quisermos alcançar o futuro que ambos imaginam – um futuro sustentável, justo e inclusivo – a ação deve começar agora, em nossas comunidades, com as

ferramentas que já temos em mãos e com a esperança fundamentada em uma visão realista de mudança.

* * *

No horizonte, as luzes suaves da cidade brilhavam como estrelas caídas na terra. As florestas regeneradas ao redor respiravam junto à cidade, e o ar puro trazia o frescor de um futuro que antes parecia inalcançável. Nas ruas, as comunidades continuavam a se reunir, seus projetos compartilhados como sementes lançadas ao vento, prontas para germinar em soluções inovadoras. As gerações mais jovens corriam livres pelos caminhos arborizados, já acostumadas a um mundo onde o impossível havia se tornado rotina.

Ao longe, o som das turbinas de vento se mesclava ao canto das aves que retornavam às florestas restauradas. O céu, sempre limpo, refletia o brilho de um mundo que havia aprendido a conviver com a natureza, em harmonia com a tecnologia. O que antes era apenas um sonho distante se tornara palpável, e a esperança, antes tão frágil, agora se solidificava nas ações cotidianas de cada indivíduo, de cada comunidade, de cada decisão coletiva.

Ali, o futuro não era mais temido, mas celebrado. A cada nova solução, a cada avanço, os habitantes sabiam que o caminho para a regeneração não estava concluído, mas que os passos mais difíceis já haviam sido dados. Eles viviam não apenas em uma utopia imaginada, mas em um mundo construído com determinação, ação e uma esperança realista que nunca os havia abandonado. O Solarpunk não era mais apenas uma narrativa; era a vida que eles haviam escolhido para si mesmos e para as gerações vindouras.

E assim, com o sol sempre brilhando e o vento sempre soprando, a história de uma humanidade regenerada continuava a ser escrita, um capítulo por vez, com as mãos que trabalhavam, criavam e sonhavam em conjunto.

Referências

BAUWENS, Michel; KOSTAKIS, Vasilis; PAZAITIS, Alex. *Peer to Peer: The Commons Manifesto*. London: University of Westminster Press, 2019.

BOOKCHIN, Murray. *The Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchy*. Oakland: AK Press, 2005.

CALLENBACH, Ernest. *Ecotopia. the notebooks and reports of william weston*. Berkeley, California: Banyan Tree Books, 1975.

FLYNN, Adam. *Notes Toward a Manifesto*. 2014. Disponível em: <https://hieroglyph.asu.edu/2014/09/solarpunk-notes-toward-a-manifesto/>

GILLAM, William Joseph. *A Solarpunk Manifesto: Turning Imaginary into Reality*. *Philosophies* 8 (4):73, 2023.

KLEIN, Naomi. *This Changes Everything: Capitalism vs. the Climate*. New York: Simon and Schuster, 2014.

LATOUR, Bruno. *Down to Earth: Politics in the New Climatic Regime*. Cambridge: Polity Press, 2018.

LODI-RIBEIRO, Gerson. *Solarpunk: Histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável*. São Paulo: Editora Draco, 2012.

SAGE, Andrew. *What is Solarpunk?* January 16, 2023a. Disponível em: <https://shadomag.com/know/what-is-solarpunk/>

SAGE, Andrew. *The hope of Solarpunk*. July 12, 2021. Disponível em: <https://shadomag.com/do/the-hope-of-solarpunk/>

SAGE, Andrew. *How To Build A Solarpunk City*. March 8, 2023b. Disponível em: <https://youtu.be/4UmU1dSe3n0>

SCHUITEN, Luc. *Vers une cité végétale*. Paris: Mardaga, 2010a.

SCHUITEN, Luc; LOZE, Pierre. *Archiborescence*. Paris: Mardaga, 2010b.

THE SOLARPUNK COMMUNITY. *A Solarpunk Manifesto. Regenerative Design. October 12, 2019*. Disponível em: <https://www.re-des.org/es/a-solarpunk-manifesto/>

UNITED NATIONS. *Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development*. United Nations, 2015.

RUPPRECHT, Christoph et al. *Multispecies Cities: Solarpunk Urban Futures*. Albuquerque, NM: World Weaver Press, 2021.